



**Jorge de Sena** nasceu em Lisboa (02-11-1919) e faleceu em Santa Barbara (04-06-1978), Califórnia. Frequentou o curso de Engenharia Civil na

Faculdade de Engenharia do Porto, tendo trabalhado entre 1948 e 1959 como engenheiro na Junta Autónoma das Estradas. Partiu em 1959 para o Brasil, fazendo o doutoramento em 1964 na área de literatura portuguesa. No ano seguinte parte para os Estados Unidos, leccionando primeiro em Wisconsin e, a partir de 1970, na Universidade da Califórnia em Santa Barbara. Em 1977 recebeu o Prémio Internacional de Poesia Etna-Taormina. A nível literário, Jorge de Sena, esteve ligado aos Cadernos de Poesia com José Blanc de Portugal, Rui Cinatti, entre outros. A par da sua escrita poética e ficcional, há a salientar os estudos teóricos sobre literatura portuguesa e inglesa, em especial aqueles que se referem a Camões e a Fernando Pessoa.

Fevereiro 2017  
Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

**A BULA**<sup>®</sup>  
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

## COMPRIMIDO I

*Cidade*

Imensa, troglodítica, ambiciosa,  
vai a cidade até à praia;  
perdeu no campo as rochas cor-de-rosa,  
e o mar, se a busca, evita-a, não desmata,  
antes se ergue negro contra o desconforto.  
O rio leva casas debruçadas  
que já, com o tempo, foi cavando em arcos  
de perfil sem cal, inclinado e morto...  
e leva também barcos.

No céu, as nuvens correm desviadas,  
enquanto o Sol, em dardos, sobre o mar se  
[crava.

## COMPRIMIDO II

*Dia de Sol*

Sob a teia de sombra dos galhos outonais,  
passaram crianças  
guiando na areagem  
a outra já morta.  
Não era a mãe nenhuma das mulheres,  
Falavam tranquilas;  
quase não vivera,  
tão pequeno ainda.  
E, rio acima, iam subindo barcos,  
hora a hora menores,  
na distância tão grande,  
que alisava as águas.

## COMPRIMIDO III

*Independência*

Recuso-me a aceitar o que me derem.  
Recuso-me às verdades acabadas;  
recuso-me, também, às que tiverem  
pousadas no sem-fim as sete espadas.

Recuso-me às espadas que não ferem  
e às que ferem por não serem dadas.  
Recuso-me aos eus-próprios que vierem  
e às almas que já foram conquistadas.

Recuso-me a estar lúcido ou comprado  
e a estar sozinho ou estar acompanhado.  
Recuso-me a morrer. Recuso a vida.

Recuso-me à inocência e ao pecado  
como a ser livre ou ser predestinado.  
Recuso tudo, ó Terra dividida!

## COMPRIMIDO IV

*Humanidade*

Na tarde calma e fria que circula  
por entre os eucaliptos e a distância,  
olhando as nuvens quase nada rubras  
e a névoa consentida pelos montes,  
névoa não subindo por não ser  
fumo da vida que trabalha e teima,  
e olhando uma verdura fugitiva  
que a noite do céu queima tão depressa,  
esqueço-me que há gente em cada parte,  
gente que, de sempre, sofre e morre,  
e agora morre mais ou sofre mais,  
esqueço-me que a esperança abandonada,  
a não ser de ninguém, é sempre minha,  
esqueço-me que os homens a renovam,  
que o fumo dos seus lares sobe nos ares...  
Esqueço-me de ouvir cheirar a Terra,  
esqueço-me que vivo... E anoitece.

## COMPRIMIDO V

*Metamorfose*

Para a minha alma eu queria uma torre como  
[esta,  
assim alta,  
assim de névoa acompanhando o rio.

Estou tão longe da margem que as pessoas  
[passam  
e as luzes se refletem na água.

E, contudo, a margem não pertence ao rio  
nem o rio está em mim como a torre estaria  
se eu a soubesse ter...

uma luz desce o rio  
gente passa e não sabe  
que eu quero uma torre tão alta que as aves  
[não passem  
as nuvens não passem  
tão alta tão alta  
que a solidão possa tornar-se humana.

## COMPRIMIDO VI

*Glória*

Um dia se verá que o mundo não viveu um  
[drama.

Todas estas batalhas, todos estes crimes,  
todas estas crianças que não chegaram a  
[desdobrar-se em carne viva  
e de quem, contudo, fizeram carne viva logo  
[morta,

todos estes poetas furados por balas  
e todos os outros poetas abandonados pelos  
[que  
nem coragem tiveram de matar um homem,  
toda esta mocidade enganada e roubada  
e a outra que morreu sabendo que a  
[roubavam,  
todo este sangue expressamente coalhado  
à face íntegra da terra,  
tudo isto é o reverso glorioso do fundar dos  
[erros.

Um dia nos libertaremos da morte sem deixar  
[de morrer.

## OS TRABALHOS E OS DIAS

Sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro  
e princípio a escrever como se escrever fosse respirar  
o amor que não se esvai enquanto os corpos sabem  
de um caminho sem nada para o regresso da vida.

À medida que escrevo, vou ficando espantado  
com a convicção que a mínima coisa põe em não ser nada.  
Na mínima coisa que sou, pôde a poesia ser hábito.  
Vem, teimosa, com a alegria de eu ficar alegre,  
quando fico triste por serem palavras já ditas  
estas que vêm, lembradas, doutros poemas velhos.

Uma corrente me prende à mesa em que os homens comem.  
E os convivas que chegam intencionalmente sorriem  
e só eu sei porque principiei a escrever no princípio do mundo  
e desenhei uma rena para a caçar melhor  
e falo da verdade, essa iguaria rara:  
este papel, esta mesa, eu apreendendo o que escrevo.

*Comprimidos Literários de Jorge de Sena (seleção de Gilda da Conceição Santos da obra Coroa de Terra (1946) dedicada à cidade do Porto e ao poeta Ribeiro Couto)*

*Ilustração de Abigail Ascenso*

5

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: [www.correiodoporto.pt](http://www.correiodoporto.pt)

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 31 de janeiro de 2017